

IGREJAS CRISTÃS EVANGÉLICAS NO NORTE DO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS JUDAICAS EM CULTOS EVANGÉLICOS NA AMAZÔNIA

Josué Carlos Souza dos Santos¹
Edgard Vinicius Cacho Zanette²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a adoção de símbolos religiosos judaicos presentes em cultos em igrejas evangélicas no Estado de Roraima, na região Amazônica, identificando os elementos que fazem parte da incorporação desses elementos no seu cotidiano religioso e pesquisando a maneira como foram relacionados aos dogmas cristãos de igrejas evangélicas locais. Nesse estudo qualitativo do tipo exploratório e descritivo, realizou-se uma análise de pesquisas sobre história da Igreja Cristã Evangélica no Brasil e em Roraima, que incluem - mas não se limitam aos - movimentos pentecostais e neopentecostais. Através da inserção em campo - bem como análises bibliográficas -, o estudo propôs, por fim, a analisar um estudo de caso do Ministério Internacional da Restauração (MIR) como marco precursor do movimento judaico-evangélico em Roraima.

Palavras-chave: Filosofia. Religião. Judaísmo. Ciências da Religião. Interdisciplinar.

¹ Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Mestre em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade Estadual de Roraima e especialista em Filosofia da Religião pela mesma instituição. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte (FACETEN). Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo. E-mail: santosj@usp.br

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com estudos de pós-doutorado em filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com pesquisas filosóficas na França e Itália, respectivamente. Mestre, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Universidade Estadual de Roraima. Boa Vista, Roraima. E-mail: edgardzanette1@gmail.com

EVANGELICAL CHRISTIAN CHURCHES IN NORTHERN BRAZIL: REFLECTIONS ON JEWISH RELIGIOUS INFLUENCES IN EVANGELICAL SERVICES IN THE AMAZON

ABSTRACT

This research aimed to analyze the adoption of Jewish religious symbols present in evangelical church services in the state of Roraima, in the Amazon region, identifying the elements that are part of the incorporation of these elements into their religious daily life and researching how they were related to the Christian dogmas of local evangelical churches. In this qualitative, exploratory and descriptive study, an analysis was carried out of research on the history of the Evangelical Christian Church in Brazil and in Roraima, which includes - but is not limited to - Pentecostal and Neo-Pentecostal movements. Through fieldwork - as well as bibliographical analyses - the study finally proposed to analyze a case study of the International Ministry of Restoration (Ministério Internacional da Restauração - MIR) as a precursor of the Jewish-evangelical movement in Roraima.

Keywords: Philosophy. Religion. Judaism. Religious Studies. Interdisciplinary.

INTRODUÇÃO

Roraima é um estado brasileiro situado ao norte do Brasil, em região Amazônica e com muitas igrejas cristãs em sua composição social. O processo histórico de colonização vivido por esse estado traz a presença da igreja católica e protestante, com o recebimento de missionários que se compunham as caravanas de descobertas, explorações e colonizações pelo ‘novo mundo’.

Desde as primeiras capelas que se tem registro, como a que os padres carmelitas construíram em meados do ano de 1725 durante missões de colonização e que em 1892 veio a se tornar a capela Nossa Senhora do Carmo por missionários franciscanos, as igrejas em Roraima representavam não apenas um momento de manifestações coletivas do sagrado, mas um momento social e político de encontro, de trocas de experiências. Atualmente o número de igrejas cristãs evangélicas no estado é impressionante: segundo o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, são 136.480 mil pessoas que se identificam como evangélicas em Roraima (IBGE, 2010). Algumas destas igrejas possuem protagonismo no cenário político, social e cultural, e suas práticas colaboram na inserção de simbolismos judaicos.

Nosso objetivo nesse artigo é apresentar análises bibliográficas e de campo a respeito da adoção de símbolos judaicos nos cultos evangélicos de algumas igrejas cristãs em Roraima, no extremo norte do Brasil, em região Amazônica. Nesse contexto, entendemos como símbolos as músicas, danças, livros, vestimentas, festividades, objetos e outros elementos que compõe essa forma de manifestação do sagrado nos cultos evangélicos. Essa iniciativa surgiu a partir de nossas análises a respeito do fenômeno das religiões mundiais, com foco nos estudos judaicos, inseridos nos estudos de pós-graduação em Filosofia da Religião, na Universidade Estadual de Roraima. Em um primeiro momento, pareceu-nos pertinente perguntar: Como se deu a chegada do cristianismo em Roraima? Quais são os símbolos culturais e religiosos de Israel adotados pelas igrejas cristãs na Amazônia? Há pesquisas e/ou relatos do envolvimento de alguma imigração de judeus relacionada à adoção de tais simbolismos?

Para tanto, partimos de uma reflexão sobre o surgimento histórico da igreja cristã, a partir do século XVI, no tocante a sua chegada no Brasil. Daí partiremos para a presença da igreja não apenas no Brasil, mas no estado de Roraima, especificamente, entendendo os evangélicos como o público alvo.

Então, para outra abordagem e conseqüentemente a verificação de um possível encontro histórico de movimentos independentes entre si, falaremos sobre a migração de Judeus para o Brasil. Assim, tentaremos responder a pergunta acima e verificar a relação, caso exista, de ambos os fatos.

Seguiremos então para um breve comentário sobre a filosofia da religião e estudos do sagrado, entendendo que tanto judeus como não judeus, seja em região amazônica, seja no restante do Brasil, possuem diferentes cosmovisões. Assim, em nosso entendimento, essas análises são pertinentes. Falaremos então a respeito de um estudo de caso em relação ao Ministério Internacional da Restauração (MIR), uma grande igreja local que adota tais práticas em seus cultos e dogmas religiosos. Por se tratar apenas de algumas reflexões iniciais a respeito do tema, aqui não nos concentraremos no fenômeno da presença de símbolos judaicos em igrejas evangélicas e nas interpretações que os próprios integrantes do MIR fazem dessas apropriações de tradições judaicas, mas em apresentar a igreja identificando quais símbolos culturais e religiosos são inseridos em suas práticas religiosas.

Essas análises se caracterizam como qualitativa do tipo exploratória e descritiva. No tocante aos seus procedimentos, se identifica como uma pesquisa de inserção do pesquisador em campo, através da observação e diálogos informais, considerando também suas notas de campo, análise de fatos históricos e de narrativas, entre outros meios de coleta e análise de dados.

1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ PROTESTANTE NO BRASIL E EM RORAIMA

A história das igrejas cristãs protestantes no Brasil data um início aproximado ao ano de 1555 com períodos de evangelização. Hurlbut (2002, p. 272-277) narra que um dos primeiros mártires no Brasil foram os missionários Huguenotes, iniciando um período extenso de movimentos missionários no país, como morávios (em 1735), Kalley (em 1855), A. G. Simonton e os dogmas presbiterianos (em 1859), metodistas (em 1876), W.B. Bagby e o movimento batista (em 1881), Daniel Berg e Gunnar Vingren com as assembléias de Deus (em 1911). Ainda nesse estudo de 2002, Hurlbut menciona a inserção do movimento pentecostal no Brasil através de outra cidade amazônica, Belém, no Pará. O autor diz que:

Da Igreja Pioneira em Belém irradiou-se a obra pentecostal a todas as regiões do Brasil, vindo corresponder, a partir de 1960, a 70 por cento no quadro do evangelismo nacional (Hurlbut, 2002, p. 295).

É importante mencionar que os movimentos pentecostais e neopentecostais fazem parte da história da igreja cristã como um marco de expansão desta ideologia religiosa e missionária. Wulforth (1995, p. 8) em suas considerações sobre o pentecostalismo no Brasil nos conta sobre a história desse movimento nesta nação. Segundo esse autor, no ano de 1906 e influenciado pelo ‘movimento de santidade’ (outrora recebendo também outras influências como os conceitos da diferenciação nos termos teológicos da santidade e justificação), o pregador W. J. Seymour desenvolveu um sermão em uma igreja sobre a passagem bíblica de Atos 2.4 dizendo que além da santidade e justificação, uma terceira ainda seria disponibilizada por Deus, o batismo do Espírito Santo (e que incluía, entre outros dogmas, o falar em línguas). Encontrando uma igreja escandalizada diante dessa informação, Seymour foi expulso e passou a realizar reuniões de oração na Rua Azusa N. 312, em Los Angeles. Sobre a chegada desse movimento ao Brasil, o autor diz que:

Numa das reuniões pentecostais de Seymour o pastor batista W. H. Durham, de Chicago, estava presente e também falou em línguas. Então levou essa experiência para a sua Igreja em Chicago. Ele ressaltava que a justificação já é o início da santificação e que, por conseguinte, o Batismo do Espírito Santo seria a segunda bênção. Reencontramos essa doutrina no pentecostalismo brasileiro, pois na Igreja de Durham em Chicago encontramos o núcleo comum a partir do qual se formariam “as três vertentes do pentecostalismo brasileiro”: a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Evangélica Quadrangular no Brasil (Wulforth, 1995, p. 8).

Alguns anos mais adiante e após o estabelecimento do pentecostalismo no Brasil, outro conceito nos é apresentado: o neopentecostalismo. Para Moraes (2010, p. 02) esse subgrupo pode também ser inserido na terceira onda da história do protestantismo mundial e no Brasil e se difere do pentecostalismo por ter “(...) posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal (...) e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais) (Moraes, 2010, p. 02)”. É importante mencionar que o autor freqüentemente utiliza a metáfora marinha de David Martin e adaptada por Paul Freston sobre a divisão da história do protestantismo no mundo como em três grandes ondas (fases): a puritana, a metodista e a pentecostal.

Em outras palavras, igrejas que tinham posicionamentos diferentes em relação a certos assuntos como aborto, divórcio, sexualidade e outros, poderiam ser identificadas como pentecostais ou neopentecostais, dependendo de como identificava teologicamente esses assuntos.

O autor menciona que algumas igrejas já poderiam ser identificadas como neopentecostais (seu estudo foi feito a partir do levantamento desenvolvido na época, em 2010), como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Moraes, 2010, p. 06).

Roraima é um estado brasileiro de tríplice fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa com um censo estimado em 605.761 pessoas (IBGE, 2019). Com uma população indígena (rural e urbana) e não indígena, esse estado recebeu muitos movimentos migratórios de pessoas providas de outras partes do Brasil e do mundo desde sua colonização, criação, desenvolvimento e oficialização como território e estado Brasileiro.

Uma das teorias a respeito do início do estabelecimento da igreja evangélica em Roraima é encontrada em Silva (2018, p. 149) em estudos sobre a geografia da religião quando diz que “A expansão do evangelho no estado de Roraima se deu após o movimento pentecostal no Pará no ano de 1911” com a chegada de Cordelino Teixeira Barros e a implantação das primeiras reuniões do que viria a ser a Assembléia de Deus. Desde aquela época e até os dias atuais, outras igrejas foram surgindo em Roraima, inclusive inseridas nos movimentos pentecostais e neopentecostais.

2. MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DE JUDEUS AO BRASIL E À AMAZÔNIA

A cultura brasileira recebeu diversas influências religiosas ao longo de sua história. Especificamente sobre migrações e de forma resumida, recebeu os membros da ordem de Jesus (europeus), religiões de matrizes africanas (trazidas por escravos africanos), Budistas (grande parte trazidos pelos migrantes japoneses), movimentos missionários de cristãos protestantes (americanos e europeus) e outros, além de ter encontrado no Brasil povos que já cultivavam sua cosmovisão religiosa do mundo (indígenas). Essas influências fazem parte dos complexos períodos da história dessa nação: Pré-colonização, Colônia, Império e República. Hoje o Brasil se constitui um estado laico, separado da igreja, mas ao mesmo tempo sincretista e até miscigenado.

Em um estudo anterior sobre os judeus na Amazônia, Blay (2008, p. 25) nos apresenta algumas questões importantes. Esta pesquisadora diz que a presença dos judeus no Brasil não é encontrada na histografia Brasileira, em geral, e se caracteriza como uma história oculta. Em busca de uma resposta e focando na preocupação constante de definir uma identidade brasileira, ela diz que:

Com isso procurou-se enfatizar a homogeneidade cultural em detrimento das diferenciações internas e da pluralidade cultural. Igualmente as ciências humanas, ao adotarem o critério racial para abordar a população brasileira, dividiram-na em três categorias – brancos, negros e índios – e com isso reduziram as diferenças internas de cada grupo (Blay, 2008, p. 25).

Sob outra perspectiva, Cytrynowicz (2002, p. 397) apresenta seus estudos sobre história contemporânea do Brasil, Segunda Guerra Mundial e Migrações Judaicas. Esse autor aponta para o fato de que:

No exterior, os judeus eram considerados semitas, portanto não-europeus e indesejáveis; uma vez no Brasil, eles eram brancos (não negros), portanto aceitáveis no contraste com uma sociedade cujo ideal de branqueamento era (é) central (Cytrynowicz, 2002, p. 397).

Ao realizar o estudo “Os judeus na memória da cidade de São Paulo” (1890 a 1940), Blay (2008, p. 06) diz que na tentativa de superar a lacuna bibliográfica, escutou judeus imigrantes sobre suas narrativas de vida, adicionando assim muitos detalhes à história da presença de judeus no Brasil (e especificamente na cidade de São Paulo). Ela observou que entre costumes, valores, sofrimentos, alegrias e outras experiências, eles também traziam algo em comum: “Pobreza e Perseguição”.

É importante observar que os motivos que os faziam migrar não apenas para o Brasil como para o mundo inteiro eram diversos e distintos, como perseguições de origem étnica e racial, guerras políticas, conflitos religiosos e geográficos. Como resultado, podemos observar a diáspora judaica, segregações raciais e até mesmo assassinatos em massa. A partir desses motivos, é possível afirmar que as migrações judaicas são identificadas como migrações forçadas, onde essas populações precisam se refugiar em outra nação, que não a sua de origem, cruzando uma fronteira internacional.

Segundo a lei brasileira Nº 9.474 de 97, que por sua vez se baseou no estatuto dos refugiados de 1951 das Nações Unidas, é reconhecido como refugiado todo aquele que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (Brasil, 1997).

Assim, e ainda com base nos estudos de Blay (2008, p. 29), percebemos que entre os anos de 1890 e 1930 entraram no Brasil cerca de 3.523.591 imigrantes, e desses aproximadamente 71.360 eram judeus. A partir não apenas desse quantitativo, mas também de outros movimentos migratórios de judeus para o Brasil antes e depois desse período, a pesquisadora então direciona suas considerações sobre os movimentos migratórios dos judeus para as Américas, o Brasil e a Amazônia. Antes dessas observações, entretanto, precisamos analisar a construção histórica do judaísmo como um grupo étnico produtor de cultura e religião. Izidoro (2008, p. 55) em seus estudos sobre a identidade no cristianismo primitivo, também apresenta algumas considerações sobre os judeus. Segundo esse autor:

(...) os judeus (*Judaeans*) da antiguidade constituíam um *ethnos*, um grupo étnico. Eles eram um grupo nomeado, juntado em um território específico, cujos membros partilham de um senso comum de origem, reclamam uma comum e distintiva história e destino, possuem uma ou mais características distintas e sentem um senso único de coletividade e solidariedade. O resumo destas características distintivas era designado pela palavra grega *Ioudaismos* (Izidoro, 2008, p. 55).

Em outras palavras, os judeus são apresentados como um povo organizado. O autor ainda menciona que era um povo de forte relação entre religião e nação. Outra característica importante a ser destacada é o fato da pertença étnica e nacional como identificação de si frente à nação acolhedora. Blay (2008, p. 27) diz que:

Quando imigram para o Brasil, os judeus se distinguem dos respectivos grupos de mesma origem nacional, não são poloneses, romenos, tuas são judeus-poloneses, judeus-romenos, judeus-italianos, judeus-franceses, judeus-sírios, judeus-marroquinos... O qualificativo é uma marca que antecede o imigrante, formalmente pode nem estar em seus documentos, mas está difuso no imaginário do novo país como no país de origem (Blay, 2008, p. 27).

É importante também observar que muitos foram os motivos que trouxeram grandes transformações socioeconômicas e políticas para o Brasil entre os séculos XIX e XX. A autora nos conta que esses motivos também se constituíam como condições fortes para migrações de outros povos ao Brasil. Em nossas observações, pensamos que esses motivos também proporcionavam migrações internas no país, de um estado a outro, tanto das populações de refugiados e migrantes internacionais, como os brasileiros que aqui já estavam. Essas condições, de acordo com a pesquisadora, eram “1. plenitude do capitalismo agrícola; 2. expansão do capitalismo industrial; 3. grande desenvolvimento econômico; 4. urbanização; 5. criação de amplo e diversificado mercado de trabalho; 6. extinção legal da escravatura; 7. mudança no sistema político com a proclamação da República (Blay, 2008, p. 29)”.

Entre os motivos da chegada de imigrantes, inclusive judeus, à Amazônia, percebemos que entre o final do século XIX e início do século XX, aconteceu a descoberta e comercialização da borracha, o ouro negro da Amazônia. Estima-se que 500 mil migrantes nacionais e estrangeiros marcaram presença nesta região. Segundo a autora, as primeiras informações de famílias de judeus na Amazônia mostram que eram originários do norte da África, especificamente Marrocos francês, árabe, espanhol e cidade livre de Tânger (Blay, 2008, p. 40) onde outrora aconteciam crises econômicas e perseguições, que provocavam essas migrações. Uma vez na Amazônia, exerciam o trabalho braçal em seringais, fazendas e comunidades ribeirinha, bem como no comércio em geral. Mais adiante, por volta do século XIX, também é vista a presença de judeus vindos da França, e aqui na Amazônia se tornariam comerciantes e importadores, trabalhando inclusive nos vitrais que iriam compor o teatro Amazonas (Blay, 2008, p. 42).

Alguns anos depois e já com uma forte comunidade constituída, é possível dizer que os judeus encontraram aqui um apoio para ressignificar suas vidas, através das alianças, associações e até mesmo o estabelecimento de sinagogas (ainda que às vezes de forma isolada).

3. A FILOSOFIA DA RELIGIÃO E O SAGRADO

A respeito da Filosofia da Religião, dois grandes conceitos se relacionam com essa proposta de pesquisa: a definição de religião e os estudos sobre o sagrado. Hock (2010, p. 29) em um estudo sistêmico desde Leuba e outros estudiosos do passado até estudos mais contemporâneos, diante da complexidade em definir um termo, se aproxima de uma definição quando diz que:

Então, o que é "religião"? Primeiramente um construto científico que abrange todo um feixe de definições de caráter funcional de conteúdo, através do qual podem ser captados como "religião", num esquema, elementos relacionados entre si e formas de expressão, como objeto e área de pesquisa científico- religiosa (e outra). Pertencem a esses elementos e formas, entre outros, dimensões da ética e da atuação social (nomes e valores, padrões de comportamento, formas de vida), dimensões rituais (atos cúlticos e outros atos simbólicos), dimensões cognitivas e intelectuais (sistemas de doutrina e de fé, mitologias, cosmologias etc., ou seja, todo o saber "religioso"), dimensões sociopolíticas e institucionais (formas de organização, direito, perícia religiosa, etc.), dimensões simbólico-sensuais (sinais e símbolos, arte religiosa, música, etc.)

e dimensões da experiência (experiências de vocação e de revelação, sentimentos de união mística, experiências de cura e de salvação, experiências de comunidade e de unificação) (Hock, 2010, p. 29).

Em um primeiro momento, podemos pensar que religião pode ser entendida como compreensões a respeito do sagrado e a forma como um determinado povo se relaciona com ele. É nesse contexto que identificamos nos judeus uma relação fortemente construída e constituída entre religião e os demais elementos que constituem uma sociedade e/ou identificam um povo, como a cultura e a política, por exemplo. Segundo Izidoro (2008, p. 56), “A relação fé-lei torna-se uma peculiaridade para os judeus, por causa de seu modo de vida”.

Nos estudos sobre o sagrado, Otto³ (2007, p. 44) faz uma releitura sobre certos conceitos apresentados até aquele momento histórico, como, por exemplo, as ideias de Kant sobre uma vontade santa que obedece às leis morais e até mesmo Calvino em seus estudos de uma percepção-intelecção do divino. Otto apresenta o conceito de *numinoso*, identificando o sagrado como um mistério tremendo, ou seja, tão fascinante e além desse plano que chega ser irracional, no sentido de estar além da mente humana. O autor diz que:

Se encararmos o aspecto mais básico e profundo em cada sentimento forte de espiritualidade no que ele seja mais que fé na salvação, confiança ou amor, aquilo que também independentemente desses fenômenos concomitantes pode temporariamente excitar e invadir também a nós com um poder que quase confunde os sentidos, ou se o acompanharmos com empatia e sintonia em outros a nosso redor, nos fortes surtos de espiritualidade e suas manifestações no estado de espírito, no caráter solene e na atmosfera de ritos e cultos, naquilo que ronda igrejas, templos, prédios e monumentos religiosos, sugere-se-nos necessariamente a sensação de *mysterium tremendum*, do mistério arrepiante (Otto, 2007, p. 44).

Assim, e considerando o sagrado não estando nesse plano, mas em outro, o metafísico, Zanette (2017, p. 40) em estudos sobre a meditação segunda de Descartes como a difração do espírito, aponta para o fato de que:

É imprescindível fazer um teste crítico que examine o sujeito que apreende esse mundo, a relação desse sujeito com as coisas ditas exteriores e, por fim, a realidade própria dos objetos a serem percebidos (Zanette, 2017, p. 40).

Essas duas ideias (religião e estudos sobre o sagrado) nos levam a buscar o conceito de culto, entendendo que é nesse momento que as manifestações culturais religiosas judaico-cristãs se manifestam.

Reinke (2019, p. 27) em seu estudo intitulado “Os Outros da Bíblia”, nos apresenta a cultura dos povos que interagiram com os judeus ao longo da história, a saber: Mesopotâmicos, Egípcios, Cananeus, Persas, Gregos e Romanos. Ainda nas considerações iniciais – e no sentido de fomentar comentários base para a compreensão assimilada do objetivo da pesquisa – o autor apresenta algumas ideias de diferentes autores, entre eles o teólogo e historiador cubano Justo González sobre concepções de cultura. Ele diz que:

Cultura é, em essência, o modo pelo qual um grupo humano qualquer se relaciona entre si e com o ambiente circundante. Por isso, ela tem o que bem poderíamos chamar de um elemento externo e outro interno (Reinke, 2019 *apud* González, 2011, p. 27).

Reinke menciona que González faz uma reflexão a respeito dos termos cultura, cultivo e culto. Em breves palavras (tanto as do autor quanto nossas interpretações), para o ser humano se adaptar aos diferentes estilos de caça, pesca ou mesmo plantio e conservação de frutas, desenvolveu um sistema específico chamado de *agricultura*: uma das maiores manifestações culturais de um povo. Na adaptação desse ser humano com o ambiente que o cerca, surge o termo *cultivo* (ou seja, o aprimoramento das técnicas de agricultura). O autor então menciona que a cultura (juntamente com os demais termos aqui utilizados) possui uma dimensão interna, composta por uma série de gestos e símbolos que permitem comunicação, relação do ser humano com o meio circundante e sobrevivência. Esses, por sua vez, permitem interpretações sobre como esse mundo surgiu, de onde ele mesmo veio etc. Esse é o surgimento do *mito*. O autor então finaliza dizendo que o culto “nada mais é do que a sistematização do mito explicativo, uma resposta ante o sagrado, que parte de uma cultura maravilhada com o divino, o mistério tremendo e fascinante (Reinke, 2019, p. 30)”.

³A obra *O Sagrado* foi originalmente publicada em 1917, trazendo um destaque à ciência das religiões com fortes críticas ao iluminismo predominante na época. Aqui será utilizada a versão traduzida ao português e publicada no Brasil em 2007.

Entendemos então que os cultos nas igrejas cristãs em Roraima são momentos com horários pré-determinados, sistematizados, de socialização e interação em diferentes níveis, principalmente religiosos (mas não se limitando a estes), com diferentes manifestações literárias (leitura da bíblia ou outras literaturas cristãs), artísticas (músicas, danças, teatros e outros), intelectuais (oratórias, aulas, conferências, seminários e outros), teológicas (apresentação de cosmovisões religiosas de mundo, discipulado, evangelização e outros) e que representam a manutenção de práticas religiosas cristãs (como jejum, oração, coleta de dízimos e ofertas e outras) e conseqüentemente da preservação e continuidade de uma crença e todos os ritos e símbolos que a acompanha.

4. MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

O Ministério Internacional da Restauração (MIR) em Roraima está localizado no bairro São Vicente, zona sul da capital do estado, Boa Vista. Iniciou suas atividades ministeriais neste estado no ano de 1999, sob a liderança dos pastores Antônio e Graça Flores, que faziam na época um percurso transitório da igreja assembléia de Deus para o MIR. Esses, por sua vez, sob a liderança do apóstolo Renê Terra Nova, do Amazonas, da sede nacional do MIR no Brasil, em Manaus.

Essa igreja apresenta o modelo de visão celular no modelo dos doze, até aquele momento (ano de 1999) inédito no Brasil. Inserido no movimento neopentecostal e nas características que o representam, a história dessa igreja é contada em diversos autores como Correia (2014, p. 37-42), Andrade (2010, p. 58) e outros. Historicamente, esse modelo de visão celular foi apresentado ao mundo por César Castellano e também pode ser conhecido como G12 ou M12, que consiste em reuniões semanais com grupos de até 12 pessoas, chamados discípulos, a exemplo bíblico de Jesus, o Cristo, além dos cultos regulares na igreja central, o templo. Este por sua vez recebeu influências de David Yonggi Cho, pastor coreano de uma mega igreja que chegou a ter 800 mil membros e a sustentar aproximadamente 500 projetos missionários pelo mundo. G12 foi a versão apresentada por Castellano e significa grupos de 12, que futuramente viria a ser adaptado por René Terra Nova como M12, ou modelo dos 12, culminando na Visão Celular do Modelo dos 12.

Após serem apresentados a esse modelo de estruturação sistemática do culto evangélico, Valnice Milhomens e o pastor Renê Terra Nova trouxeram a proposta ao Brasil, e com isso adaptando o modelo de Castellano de novas visões de mundo, vindo logo após esse período a ter um rompimento com o primeiro modelo apresentado. Com forte presença feminina em posições de liderança, apresentação de um modelo de unção apostólica e pastoral diferenciado, inserção de elementos culturais e religiosos judaicos e inclusive apontamentos reestruturais éticos de legitimidade, caráter, geração celular, governo de Deus e multiplicação, surgiu o Ministério Internacional da Restauração, anteriormente chamado de Igreja Batista Memorial de Manaus, em 1998 no Amazonas e 1999 em Roraima.

É nesse contexto que são inseridos os simbolismos judaicos que nos interessa. De acordo com Correia (2014, p. 35) em estudos sobre essas representatividades simbólicas, as festas judaicas são apresentadas como um elemento significativo desta cultura e até mesmo dessa igreja, o MIR. Para ele:

As festas são carregadas de simbolismos e representações e cada uma delas em um mês específico do ano. As festas são: a Páscoa, os Pães Asmos, as Primícias dos Frutos, o Pentecoste, as Trombetas, a Expição e por fim, a festa dos Tabernáculos (Correia, 2014, p. 35).

Em um estudo com fortes críticas ao sistema celular, o autor diz ainda que esses simbolismos foram adotados pelo MIR a partir de uma doutrina *dispensacionalista*, estratégias de proselitismo da igreja, apoio ao movimento sionista que incluem o apoio a criação da Embaixada Cristã de Jerusalém e idas constantes à nação de Israel, contribuição aos judeus e a sua terra e também a chamada à igreja cristã de uma responsabilidade bíblica com Israel e seu povo.

Esses simbolismos são inseridos nos cultos e no dogma desta igreja como prática sistemática de exercício de sua forma de ver a fé Cristã, através de uma abordagem sionista de um Israel contemporâneo. Em nossas primeiras análises, percebemos que o MIR incorpora em sua liturgia, ou seja, músicas, orações e demais ritos religiosos, a menção à restauração e redenção do Estado de Israel como nação e como povo escolhido de Deus. Eles também atribuem a esse Estado-nação o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, em uma tentativa de conciliar cristianismo com judaísmo de uma forma convergente a um propósito específico. Através de uma inserção em campo em um de seus cultos, bem como conversas informais com os líderes locais dessa igreja, entendemos que esses simbolismos se estruturam na forma de um calendário com cultos específicos e adaptações de festas judaicas e bíblicas.

Cada uma dessas incorpora diferentes movimentos e se relacionam em alguns momentos com a cultura brasileira. Assim, estruturamos da seguinte forma:

Festas Judaicas	
Nome	Adaptação
Purim	Purim
Pessach	Páscoa
Rosh Hashaná	Festa das Trombetas
Sucot	Festa dos Tabernáculos
Hanuká	Festa das Luzes

Fonte: Elaboração própria.

Geralmente as celebrações festivas acontecem no templo do MIR após o período em que tais celebrações acontecem em Israel. Sobre culto e outras tradições, a igreja realiza semanalmente o culto Shabat às 18 horas de sexta feira, período em que marca o início do sábado em Israel. Em alguns momentos também acontece nesta igreja a celebração Bar Mitzvah e Bar/Bat Barakah. A primeira representa uma comemoração judaica onde a criança já se torna madura o suficiente a ponto de ser reconhecida por aquela comunidade de tal forma. Na segunda, bênçãos são proferidas aos filhos, homens ou mulheres, de modo a serem abençoados e prósperos em suas vidas. Ambas se relacionam e foram adaptadas pelo MIR.

Os ritos de casamentos também foram adaptados de modo a envolver uma cerimônia com músicas, roupas, danças, comidas e outras simbologias judaicas. Semanalmente realizam também a reunião de célula, que consiste em um grupo de três ou mais pessoas, os discípulos, que formam uma célula de até doze pessoas. Geralmente possui a duração de uma hora e envolvem oração, leitura da bíblia, reflexão sobre o tema proposto e recolha de ofertas. São orientadas por um líder, o discipulador, que inclusive tem uma data comemorativa somente para ele: dia 12 de dezembro, ou seja, 12/12. Abaixo elaboramos essas informações em forma de tabela simples:

Cultos e outras tradições
Shabat
Bar Mitzvah
Bar/Bat Barakah
Casamentos
Reunião celular com até 12 pessoas

Elaboração própria.

Por fim, verificamos também demais representações simbólicas que fazem parte do dia-a-dia religioso desse local. As músicas e danças hebraicas ou com toques judaicos são momentos de envolvimento da comunidade religiosa e participação de todos, inclusive das crianças. Em alguns cultos é possível perceber fotos da nação de Israel e suas montanhas, locais religiosos e sagrados. Em outros, a bandeira de Israel se reveza com imagens simbólicas que representam as doze tribos de Israel. No antigo testamento, vimos que o termo ‘doze tribos’ se refere a uma divisão territorial antes da extinção do reino de Israel. As doze tribos eram: Rúbem, Simeão, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, Benjamin, Manassés e Efraim. O shofar, instrumento de sopro mencionado no antigo testamento para serviços religiosos e chamado à guerra, também é tocado em alguns momentos durante o desenvolvimento das festas bíblicas no MIR ou em outros cultos.

Entre os diversos simbolismos percebidos e que incluem camisas pintadas com a estrela de Davi, uso de acessórios judaicos como Talit e kipá, palavras em hebraico usadas de forma constante (Shalom, Yeshua, etc.) e até mesmo menção à Israel mencionando versículos bíblicos que contextualize tais atos, vimos que a decoração utilizada no templo por vezes inclui a Menorah e também a Chanukiá, os candelabros de sete e nove espaços para velas, ambos de grande importância e valor religioso e cultural para o povo judeu.

Em outros momentos, percebemos que a cultura brasileira não é esquecida, mas referenciada em cada adaptação feita entre Israel e Brasil. No congresso de resgate da nação, por exemplo, um dos grandes e principais eventos nacionais anuais da igreja matriz (em Manaus) e fortemente incentivado pelas igrejas MIR ao redor do Brasil com relação à participação de seus membros, é ministrado questões religiosas, políticas e sociais em relação ao Brasil, com elementos religiosos como profecias, orações, unções e atos proféticos também inspirados nos ritos judaicos.

O congresso ocorre anualmente em Porto Seguro, na Bahia, e em 2024 completou 24 anos de criação e desenvolvimento.

Em cada reunião e palavra ministrada, as lideranças apresentam textos bíblicos e notícias políticas e demais acontecimentos considerados relevantes, simbólicos e proféticos, em referência às interpretações de cumprimento bíblico sobre acontecimentos que apontariam para o fim dos tempos, o apocalipse bíblico. Nesse sentido, Israel então é apresentada como nação relógio do mundo, e os fatos que ali ocorrem são definidos como decisivos na organização do mundo e do tempo que virá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento, pensamos que para analisar a adoção de simbolismos judaicos culturais e religiosos presentes em cultos evangélicos em Roraima, foi necessário entender como se firmou a igreja cristã nesta localidade e, para isso, realizar um percurso histórico. No entanto, mesmo com a chegada do cristianismo tradicional e até dos movimentos ideológicos cristãos mais contemporâneos (como o neopentecostalismo, por exemplo) em Roraima, ainda não nos parecia suficiente dar por encerrada a pesquisa sobre a origem das adaptações de tais práticas à prática religiosa cristã protestante. Então, pesquisamos sobre os movimentos migratórios de judeus ao Brasil e à Amazônia, seguido de algumas considerações sobre a filosofia da religião e os estudos do sagrado. Para isso, foi fundamental a compreensão de que religião e noções de sagrado são diferentes para as culturas envolvidas (judaica, brasileira), pois essa depende de diversos fatores históricos, sociais e cosmovisões de mundo que influenciam sua definição e adaptação em uma sociedade. Por fim, em campo, identificamos que o Ministério Internacional da Restauração é um local onde práticas culturais e religiosas judaicas são postas em prática em seus cultos religiosos, quem sabe como uma possível porta de entrada para a origem desse movimento no estado de Roraima.

Entendemos como não relacionados os processos migratórios judaicos do mundo até a Amazônia como marco percussor da adoção de influências religiosas judaicas em cultos evangélicos nesta região, mas sim como uma migração de conhecimentos teológicos e de prática dogmática do movimento G12 e M12 até o estado de Roraima, em uma análise primária entendendo no Ministério Internacional da Restauração a chegada desse movimento neste estado.

Hoje é facilmente visto pela cidade outras congregações religiosas que adotam tais práticas simbólicas judaicas, pertencendo ou não ao sistema celular do M/G12. Esta igreja, que pode ser identificada como evangélico-protestante e de características neopentecostais, possui aproximadamente 200 membros, projetos sociais de cuidado e assistência aos pobres e vulneráveis e ações direcionadas ao cunho evangelístico, missionário e ministerial.

Todavia, é válido mencionar que nesse percurso diversas críticas foram encontradas por colegas acadêmicos sobre o tema em questão. Há quem diga, por exemplo, que o MIR trata-se de um movimento Filo-Israelense, proclamando uma judaização acrítica do pentecostalismo e neopentecostalismo, afastando, de vez, movimentos dessa natureza das raízes históricas dos protestantismos, sejam luteranos, zwinglianos, anglicanos ou calvinistas. Esses autores se questionaram, por exemplo, se os judeus, principalmente rabinos, reconhecem e aprovam essas apropriações de suas tradições por movimentos dessa natureza. Nessas considerações iniciais, entretanto, nos limitamos a apresentar todas as considerações listadas acima, sem problematizações mais específicas, abrindo caminho a outras reflexões mais profundas em outro momento mais adiante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. S. A Visão Celular no Governo dos 12: estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador, 2010.

BLAY, E. A. Judeus na Amazônia. In: SORJ, B. org. Identidades judaicas no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h9ypr/pdf/sorj-9788599662601-03.pdf>>Acessado em: 21/12/2019.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de junho de 1997. Define mecanismos para a implementação do estatuto dos refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm>Acessado em: 29/12/2019.

COHEN, Shaye J. D. The beginnings of the Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties. Berkeley/Los Angeles/ London: University of California Press, 1999.

CORREIA, M. J. C. O Movimento Neopentecostal: a prática do Judaísmo na Igreja Ministério Internacional da Restauração na Cidade de Boa Vista (1999 a 2005). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e licenciatura em história) Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2014, 53 p.

CYTRYNOWICZ, R. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de História (Impresso), v. 22, p. 393-423, 2002.

HURLBURT, J. L. História da Igreja Cristã. 14ª Ed. São Paulo: Editora Vida, 2002.

IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22/09/2019.

IBGE. Panorama, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/tr/panorama>>. Acesso em: 28/09/2019.

IZIDORO, J. L. O Problema da Identidade no Cristianismo Primitivo – Interação, Conflitos e Desafios. Oracula (São Bernardo do Campo), v. 7, p. 53-65, 2008.

MORAES, G. L. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Rever: Revista De Estudos Da Religião, v. 2, p. 01-19, 2010.

PETRONE, M. T. S. Cap 111. In: FAUSTO, B. (ed.). História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano, tomo III vol. 2. Difel/Difusão Editorial. PP 93-180, 1978.

REINKE, A. D. Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. 1. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SILVA, J. P. S. Geografia da religião: um estudo a difusão da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Dissertação (Mestrado em GEOGRAFIA) Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2018.

WULFHORST, I. Pentecostalismo no Brasil. Estudos Teológicos, SÃO LEOPOLDO, v. 1, p. 7-20, 1995.v

ZANETTE, E. V. C. A difração do espírito: a abordagem do conceito “corpo” sem um corpo existente na Meditação Segunda de Descartes. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. V.5, p. 37-56, 2017.

